

O REGISTRO DAS LEMBRANÇAS DE MULHERES EM *JESUSALÉM E A CONFISSÃO DA LEOA*, DE MIA COUTO

Letícia Pereira de ANDRADE (UEMS)
Terena Thomassim GUIMARÃES (UFRGS)

Resumo

Este artigo focará as lembranças de personagens femininas representadas em *A Confissão da Leoa* (2012) e *Jesusalém* ou *Antes de nascer o mundo* (2009), em uma hipótese interpretativa de que as mulheres contribuem para a construção de uma identidade moçambicana após o período colonial. Os discursos de algumas mulheres se formam pela assimilação com a tradição, sendo que outras ocupam a militância, evidenciando o modo como as relações de gênero se estabelecem em Moçambique, um país a se construir.

Palavras-chave: Mia Couto; mulher; tradição; Moçambique.

Abstract

This article will focus on the memories of female characters represented in *A Confissão da Leoa* (2012) and *Jesusalém* or *Antes de nascer o mundo* (2009), in an interpretative hypothesis that women contribute to building a Mozambican identity after the colonial period. The speeches of some women formed by assimilation with tradition, while others take up militancy, showing how gender relations are established in Mozambique, a country to build.

Keywords: Mia Couto; woman; tradition; Mozambique.

POR ONDE PASSAM AS LEMBRANÇAS

*Pelas águas do eterno esquecimento
Segura passará a minha lembrança.
(CAMÕES)*

Moçambique, uma terra africana que foi nos apresentada, sobretudo, por meio de textos literários escritos por António Emílio Leite Couto (1955), mais conhecido por Mia Couto. Este escritor branco, mas moçambicano, começou a escrever nos anos de 1980, em plena guerra civil. Apesar do sangue, a poesia assumiu papel importante nesse contexto, pois foi uma forma que os combatentes da FRELIMO (da qual Mia Couto participava) encontraram para expressar o cotidiano da luta anticolonial. Essa literatura circulava de forma proibida já que “era difícil, em tempo de luta armada, que as autoridades permitissem a organização de grupos coletivos intervenientes no plano da actividade literária” (FERREIRA, 1977, p. 93).

Pires Laranjeira (1995) caracterizou esse autor como o "sonhador de verdades", "inventor de lembranças" e colocou-o entre aqueles que combinam a arte do ocidente, a inspiração da cultura não ocidental em uma admirável linguagem plástica. Nesse processo de combinação, como em o caso de *Jesusalém* (2009) e *A Confissão da Leoa* (2012), aparece também o choque entre uma Moçambique em busca de sua identidade e o retorno às tradições, um vai e volta de lembranças e esquecimentos ou mesmo invenções para a construção de um país, talvez, do futuro.

Observamos, nessas obras de Mia Couto, um esforço por conferir voz e espaço aos personagens oprimidos e silenciados historicamente, como as mulheres, em uma tentativa de mostrar ao leitor (sobretudo, a um público fora de Moçambique) como vive o povo moçambicano, sobretudo, a mulher moçambicana. Mia Couto tenta mostrar uma Moçambique com suas relações entre colonizador e colonizado, branco e negro, homem e mulher, tradição e modernidade, campo e cidade, lembrança e esquecimento, silêncio e voz, entre outros pares dicotômicos.

Neste trabalho, focaremos as lembranças de personagens femininas representadas em *A Confissão da Leoa* (2012) e *Jesusalém* ou *Antes de nascer o mundo* (2009), em uma hipótese interpretativa de que as mulheres contribuem para a construção de uma identidade moçambicana após o período colonial.

O enredo de *A Confissão da Leoa* se desenvolve em um pequeno povoado na zona rural de Moçambique, aonde mulheres começam a ser devoradas por leões. Em 2008, uma empresa que está na região contrata os serviços de Arcanjo Baleiro para matar as feras que aterrorizam a comunidade isolada. Além do caçador, também é enviado para acompanhar a expedição um escritor de renome, Gustavo Regalo, que recebe a tarefa de registrar e reportar a caçada. Seguem também à pequena vila rural o administrador Florindo e sua esposa, Naftalinda. É importante ressaltar que o caçador Arcanjo Baleiro já estivera na aldeia dezesseis anos antes, em 1992, ocasião em que salvara Mariamar de dezesseis anos de um estupro. Desse encontro nasce uma paixão, no entanto, o caçador parte da aldeia, deixando Mariamar sem qualquer notícia. Já no tempo presente da narrativa, com o retorno do caçador, Mariamar é proibida de sair de sua casa (ou prisão). Enclausurada, passa a relatar suas memórias nos escritos da "Versão de Mariamar". Também Baleiro utiliza-se da escrita como meio para examinar o seu passado e os fatos ocorridos, daí, surge paralelamente o "Diário do caçador".

Dessa forma, o romance *A Confissão da Leoa* é composto por dezesseis capítulos, sendo oito deles a "Versão de Mariamar" e os outros oito, o "Diário do Caçador". Estes capítulos se intercalam trazendo as visões dos dois narradores personagens sobre os mesmos fatos. Mariamar relata os acontecimentos pela ótica local, da tradição local: a religiosidade, os costumes, a memória coletiva. Em contraposição, os escritos do caçador Arcanjo Baleiro, apresentam o olhar do viajante, oriundo da capital, Maputo. Contudo, o discurso deste homem não acarreta uma visão tradicionalmente machista em relação às mulheres.

O enredo de *Jesusalém* se estabelece sobre o autoexílio de um homem, chamado Silvestre Vitalício, numa terra batizada ironicamente de Jesusalém, onde os únicos seres viventes são: ele; Mwanito, seu filho criança e narrador da história; Ntunzi, o outro filho mais velho; Zacaria Kalash, ex-militar e serviçal da família; e Aproximado, seu cunhado, que vem de vez em quando trazer mantimento. O local é visto como um refúgio contra o passado, onde esse pai, destruído pelo acontecido com sua esposa, Dordalma, vai tentar criar os filhos num mundo sem passado, sem história, sem fantasmas e, especialmente, sem mulheres (a única fêmea tolerada é a jumenta Jesibela). *Jesusalém* possui um narrador autodiegético, o qual, em tom confessional, narra a própria história. Há um dilema enfrentado pelas personagens na ficção, isto é, a tensão entre memória e esquecimento na busca de definir a própria identidade.

Jesusalém é composto por três partes. No "LIVRO UM", há a presença da mulher que é fantasmática, Dordalma, perpassando toda a obra. No "LIVRO DOIS", a mulher se corporifica na figura de Marta no que tange à realidade de Nwanito. No "LIVRO TRÊS", aparece uma terceira mulher, Noci que é apresentada aos leitores como um ser fragmentado, pela voz de Marta em seu diário de revelações.

Focaremos neste trabalho a questão que, em *A Confissão da Leoa*, Mia Couto retrata a condição histórica e social das mulheres rurais em Moçambique e, em *Jesusalém*, apresenta a mulher urbana e a estrangeira que salva os homens de Jesusalém de uma "desmemória". É interessante observarmos os efeitos do sujeito mulher no universo dos homens de *Jesusalém*, aliás uma portuguesa, chamada Marta, atuará como catalisadora a trazer à tona o passado profundamente enterrado por Silvestre Vitalício.

No prefácio de *A Confissão da Leoa*, o autor diz que a história é baseada em fatos reais: "sugeriram-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais" (COUTO, 2012, p.8). Portanto, é uma obra ficcional que traz à memória e à denúncia o vivido na Aldeia Kulumani. O livro é narrado em primeira pessoa, na qual os relatos se alternam com a visão de Mariamar Mpepe e de Arcanjo Baleiro. Mas o que mais nos interessa aqui é a memória da mulher Mariamar Mpepe. Escrito em primeira pessoa, a narradora personagem

denuncia o sistema patriarcal que condena as mulheres a uma situação de submissão, sofrimento e violência.

Ao contrário de Kulumani, Jesusalém é um lugar ermo, onde Silvestre Vitalício se refugia e funda seu próprio reino como exílio das memórias do passado. O aparecimento de Marta neste local traz as lembranças que se queriam apagar por Vitalício. Sem a memória e sem mulheres, Vitalício queria construir um novo mundo que foi desfeito pela portuguesa Marta: "Uma única pessoa – ainda por cima uma mulher – desmoronava a inteira nação de Jesusalém" (COUTO, 2009, p. 127). Talvez porque para "fazer nascer outro mundo implica ser-se mulher" (COUTO, 2013, p. 161).

Assim, em *A Confissão da Leoa* e em *Jesusalém* ganham destaque as figuras femininas, dentre outras, Dordalma, Marta, Mariamar, Noci e Naftalinda que tentam romper com a tradição machista. Em *A Confissão da Leoa*, a presença da memória de Mariamar e de Arcanjo é utilizada como forma de explicar os atos do presente, como por exemplo: a mutilação de genitais femininas, o trabalho pesado designado as mulheres rurais, o espancamento e a morte de mulheres na aldeia. Marta e Nwanito de *Jesusalém* também escrevem seus diários. Ao proporem contar utilizando a memória, os narradores dessas obras tentam construir uma identidade moçambicana. Vale lembrar aqui que o diário é um gênero literário de tom confessional e testemunhal, mas nessas obras de Mia Couto desaparecem as fronteiras da ficção e da realidade e a fusão do discurso narrativo e da linguagem poética fica patente a qualquer leitor.

De maneira geral, Mia Couto mostra, como a nós brasileiros, uma Moçambique ainda em construção. Para tanto, recorre a fatos e a imaginação em interlocução. Assim, perguntamo-nos como as mulheres moçambicanas do século XXI estão sendo representadas nessas duas obras de Mia Couto? Elas rompem com o passado colonial de objeto submisso aos homens? Ocorre uma "descolonização" em relação as mulheres?

FAZER NASCER OUTRO MUNDO IMPLICA SER-SE MULHER

*Em nome
Em nome da tua ausência
construí com loucura uma grande casa branca
E ao longo das paredes te chorei.
(SOPHIA, apud COUTO, 2009, p. 209)*

Em *Jesusalém*, o personagem Silvestre Vitalício sugere uma desmemoriação, um apagamento da memória de tudo o que foi vivenciado, para assim surgir um novo mundo.

Ironicamente, neste romance, Vitalício propõe um mundo sem a presença de mulheres, ao contrário do conto *Lenda de Namarói* (1999) que traz a lenda de que, no início de tudo, só existiam mulheres, aliás, o próprio "Deus já foi mulher" (COUTO, 2012, p.13). Nesta perspectiva, é impossível criar um mundo sem mulheres, mas é possível construir um mundo diferente e melhor a partir da ótica feminina despida da tradição que a condena.

Na sociedade tradicional moçambicana, a mulher sempre foi tratada como inferior, seja no sul ou no norte de Moçambique. Barbara Isaacmam e June Stefhhan (1984, p. 11) afirmam, em *A mulher moçambicana no processo de libertação*, que “segundo a lei consuetudinária as mulheres não eram pessoas no sentido legal. Não podiam, por exemplo, comparecer nos tribunais, tendo sempre de ser representadas pelo seu tutor masculino”. Além de não serem consideradas pessoas e não terem direito à fala, as mulheres eram mercadorias devido a duas características principais: sua força de trabalho, que poderia ser utilizada pelos seus “donos”, e sua capacidade procriadora, na medida em que criaria novos seres para o trabalho. Em *A Confissão da Leoa*, a mãe de Mariamar, por exemplo, representa essa tradição, todas as madrugadas "se antecipava ao Sol: colhia lenha, buscava água, acendia o fogo, preparava o comer, laborava na machamba, avivava o barro, tudo isso ela fazia sozinha." (COUTO, 2012, p.22).

Dessa forma, durante a dominação portuguesa e sucessivamente, as mulheres sofreram com o trabalho forçado e a exploração sexual entre outras situações subumanas. Por isso, as mulheres participaram da resistência à dominação portuguesa. Inclusive no início da luta de libertação, elas ajudaram a FRELIMO até na luta armada (ISAACMAN; STEFHAN,1984).

Mesmo após a dominação portuguesa, as duas obras selecionadas mostram que ainda há mulheres, em Moçambique, que sofrem as consequências de inferioridade em relação aos homens. É relatado que, frequentemente, os homens violentam as mulheres. Por exemplo, como aconteceu com a mulher de Vitalício, a qual morreu após ter sido estuprada por vários homens em praça pública e, também, dentre várias, Mariamar que sofreu abuso sexual por policial e pelo seu próprio pai:

Durante anos, meu pai, Genito Mpepe, abusou das filhas. Primeiro aconteceu com Silência. Minha irmã sofreu calada, sem partilhar esse terrível segredo. Assim que me despontaram os seios, fui eu a vítima. (...) Já bem bebido, entrava no nosso quarto e o pesadelo começava. O inacreditável era que, no momento da violação, eu me exilava de mim, incapaz de ser aquela que ali estava, por baixo do corpo suado do meu pai. (COUTO, 2012, p.187).

A maioria das mulheres tradicionais representada nessas obras de Mia Couto tem suas vidas praticamente anuladas, pois como lembra Mariamar, em relação a sua mãe: "Preferir não era um verbo feito para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir?" (COUTO, 2012, p.24). Em outro trecho, Mariamar relata que se sua mãe fosse dona da sua vontade, ela "teria fugido para longe, numa correria sem fim. Mas Kulumani era um lugar fechado, cercado pela geografia e atrofiado pelo medo." (COUTO, 2012, p.21). Ou seja, as mulheres não são suas próprias donas, nem emocionalmente, nem fisicamente, mas Mariamar consciente dessa exploração usa suas forças para lutar contra essa tradição ou "colonização falocentrica": "Viajo contra o destino, mas a favor da corrente." (COUTO, 2012, p.49).

Também, Dordalma "sai contra o destino", pois, ao decidir se maquiar, vestir-se sensualmente e sair de casa, logo depois sendo estuprada por um grupo de homens e cometendo suicídio, ela, de certa forma, passa por cima do machismo que proclama o homem como dono do corpo feminino. Dordalma, apesar de sentir-se humilhada perante os estupros e a reação de seu marido, mostrará possuir uma potente força transformadora, ao cometer suicídio. Assim, a atitude de escolher não mais viver ao lado de Silvestre representa a expressão de uma vontade, de um desejo que será concretizado.

Na sociedade tradicional moçambicana, a mulher não podia se expressar, daí a tensão entre o falar e o silêncio também está presente nas obras de Mia Couto.

O silêncio se reinstalou no quarto. Eu e a mãe sentamos-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo. (...) Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exibir posse da casa inteira. De novo nós regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. (COUTO, 2012, p.26).

Aqui Mariamar questiona essas leis ou essa tradição na qual a mulher não podia falar, só lhe cabia o silêncio. Por meio da obra *Jesusalém*, Mia Couto mostra que em Moçambique, os silêncios são parte da conversa. Para um bom entendedor, o silêncio que se reinstalou no quarto de Mariamar também diz muito! Em *Jesusalém*, Mwanito é o "afinador de silêncios", como se houvessem coisas que não podem ser ditas de outra maneira a não ser pelo silêncio (COUTO, 2009, p. 8).

Algumas mulheres rompem com o silêncio imposto, requerendo o direito à fala, como aconteceu com Naftalinda que entendeu o poder de sua palavra como possível arma para transformar a situação caótica das mulheres em Moçambique, as quais já não viviam elas mesmas: "*Há muito que eu não vivo. Agora já deixei de ser pessoa. Meu pai olhou-a,*

desconhecendo-a. A mulher nunca falara assim. Aliás, ela quase não falava." (COUTO, 2012, p. 20).

A mulher, além de não falar, era invisível, não era considerada como pessoa. Hanifa, mãe de Marimar, representa essa tradição na qual as mulheres não são consideradas pessoas, logo, não estudam, não tem desejos, são mortas vivas: "Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou; sua avó, sua bisavó, todas foram sepultadas vivas." (COUTO, 2012, p.43). Mas sua filha, Mariamar, representa a ruptura com a tradição, por isso deseja a liberdade e a procura, nem que para isso tenha que lutar como uma leoa: "Num mundo de homens e caçadores, a palavra foi a minha primeira arma." (COUTO, 2012, p.89).

Como Mariamar, Marta, a primeira figura feminina a irromper na trama de *Jesusalém*, possui grande influência nas histórias da família de Silvestre e, assim também como Mwanito, terá como hábito registrar em papéis as suas lembranças e impressões vividas. Entendemos, então, que, apesar de estarem ausentes na maior parte do romance de *Jesusalém*, as mulheres têm um papel significativo dentro do enredo e na própria configuração do texto, pois elas escrevem! As epígrafes, por exemplo, que abrem cada parte e cada capítulo do romance são, quase em sua totalidade, assinadas por mulheres. Assim, elas subvertem o silêncio, já que "falam" de outras formas, seja através das epígrafes, ou ainda nas "palavras caladas" da portuguesa Marta, ou na ausência que se faz presença de Dordalma. Pois só no final do romance é revelado ao leitor que Dordalma, após ser estuprada na cidade, cometera suicídio quando Nwanito ainda era pequeno, assim o jogo de presença/ausência dessa personagem permeia fantasmaticamente toda a trama.

Nessa combinação de pares ausência-presença, silêncio-voz, percebemos que, dando voz as mulheres, através das epígrafes, das ações e, posteriormente, através das vozes das próprias personagens femininas, o enredo de *Jesusalém* demonstra a necessidade de se achar uma saída para o silêncio a elas imposto na sociedade moçambicana de ontem e de hoje. Importante ressaltar que essas epígrafes femininas abrirão o caminho para o leitor ler o texto sob uma ótica feminina.

Ana Cláudia da Silva, no artigo "Mia e Sophia: diálogos em Jesusalém" (2010), ressalta a diferença existente entre as duas epígrafes de autoria masculina e as demais, de autoria feminina, afirmando que: "A epígrafe de Herman Hesse fala [de] esquecimento; a de Baudrillard, da morte. Ambas tecem considerações ontológicas sobre a vida. As epígrafes de autoria feminina, por sua vez, falam de sentimentos: de amor, perda, solidão, desejos", ainda corpo, alteridade, memória (SILVA, 2010, p. 70). Ou seja, são as lembranças das mulheres que podem salvá-las do esquecimento, como diz a epígrafe de Adélia Prado: "O que a

memória ama, fica eterno./ Te amo com a memória, imperecível” (apud COUTO, 2009, p. 131).

A trama de *A Confissão da Leoa* aponta que os próprios homens "matavam" as mulheres, daí quando os leões chegavam elas já estavam mortas. Os leões apenas terminavam com o sofrimento que os homens começavam. Como aconteceu com Tandí, a empregada do administrador Florindo, cuja esposa, Naftalinda, após o fato de doze homens estuprarem sua empregada, decidiu se oferecer como isca para os leões, dormindo nua ao relento, uma forma de denunciar os violadores de mulheres (COUTO, 2012, p.175). Dordalma, também, revoltada e cansada da vidinha enclausurada, se entrega aos estupradores em praça pública.

Esses atos de Dordalma e Naftalinda mostram que a mulher pode romper com a tradição, mas, de início até que seja absorvido pela sociedade, poderão ser mártires. Elas requerem seus espaços, de alguma maneira querem liberdade de se expressarem e sentirem a vida sem espadas, ferros e sangue. No enterro de Tandí, Naftalinda fala com indignação para todas as mulheres ali presentes: “Os leões cercando a aldeia e os homens continuam a mandar as mulheres vigiarem as machambas, continuam a mandar as filhas e as esposas coletar lenha e água de madrugada. Quando é que dizemos que não? Quando já não restar nenhuma de nós?” (COUTO, 2012, p.195).

As mulheres de Kulumani deveriam se revoltar na visão de Naftalinda e não aceitar o fardo pesado do jugo machista. Aliás elas são detentoras de segredos e poder que os homens desconhecem, até mesmo o outro narrador da obra, o caçador leões demorou entender:

Há dezesseis anos atrás, quando Arcanjo Baleiro me olhou dançando na festa da aldeia, era já a incerteza que nele morava. O caçador tinha medo do que o meu corpo dizia, tinha medo de quem falava pelo meu corpo enquanto os batuques rufavam. Para ele, que não conhecia essa língua, só podiam ser forças obscuras. Os demónios falam assim, sem palavra, tudo dizendo na volúpia dos corpos. Esse era o seu receio. Mas não eram demónios que me faziam estremecer o corpo. Eram deuses que dentro de nós, mulheres, falam e escutam. O receio de Arcanjo era o mesmo de todos os homens. Que regressasse o tempo em que nós, mulheres, já fomos divindades. Ao se enlear em mim, com a suavidade de brisa, Arcanjo queria proteção e graça dessas entidades. (COUTO, 2012, p.185)

Mariammar como uma Salomé lembra que usou seu poder, no primeiro encontro com Arcanjo, tornando-se rainha, à beira de ser uma divindade. Nas últimas páginas do romance, quando está assistindo à despedida de Mariamar com sua mãe, Arcanjo Baleiro finaliza: “Naquele momento estou rodeado de deusas. De um e do outro lado da despedida, naquele

rasgar de mundos, são mulheres que costuram a minha rasgada história.” (COUTO, 2012, p.250).

Por estar entre feras, Mariamar sente necessidade de ser uma Leoa. Ela pensa que era uma leoa. O seu avô lhe disse em sonho, depois de morto, que ela era humana, que a vida sofrida e violenta que a fez pensar que era um animal. Como acreditava ser uma leoa, dizia que matou muitas mulheres e que deseja matar muitas mais, até que só existisse homens no mundo. Segundo Mariamar, seria uma espécie de revolta, pois elas a muito tempo que estão mortas. Ela confessa ter matado suas irmãs gêmeas afogadas e ter levado Silência até a morte. Daí o título *A Confissão da Leoa*.

Na última parte de *Jesusalém*, uma outra mulher, Noci, é apresentada como pessoa, pois no início da trama, Marta só tinha uma foto da moçambicana, personagem até aqui sem nome e sem voz, como vemos no seguinte fragmento do romance: “[...] encontrei uma fotografia no fundo da tua gaveta. Era a imagem de uma mulher negra. Jovem, bonita, olhos profundos desafiando a câmara” (COUTO, 2009, p. 138). Esse será o “abismo” (COUTO, 2009, p. 138) da portuguesa, segundo suas palavras. A trama revela a relação existente entre o amor de Marta, Marcelo, e Noci. Marta, então, viaja de Portugal a Moçambique atrás de Marcelo e, posteriormente, desencadeia alguns dos fatos mais importantes de *Jesusalém*.

Para tentar localizar seu amor Marcelo, Marta faz contato com Noci. Apenas quando Marta chega a Moçambique e estabelece contato com Noci, por telefone, que esta ganha nome e voz, tornando-se um pouco mais concreta e cobrindo-se de afeto, assim como fizera Mwanito. Vale a pena resgatar esse momento do texto e a própria voz de Marta: "Até que uma voz maviosa atendeu do outro lado. [...] Noci. Esse era o nome. Até então a outra era um rosto imóvel. Agora era uma voz e um nome. (COUTO, 2009, p. 166).

As mulheres desse romance se unem, apesar de Noci não aceitar a sua condição que o seu corpo se separa de sua alma, como lembra Marta:

Obtivera emprego demitindo-se de si mesma. [...] Ela se separaria em duas como um fruto que se esgarça: o seu corpo era a polpa; o caroço era a alma. Entregaria a polpa aos apetites deste e de outros patrões. A sua própria semente, porém, seria preservada. De noite, depois de ter sido comido, lambuzado e cuspidado, o corpo retornaria ao caroço e ela dormiria, enfim, inteira como um fruto. (COUTO, 2009, p. 169).

Noci, em um primeiro momento, aparece como a amante de Marcelo e, depois que Marta chega a Moçambique, revela-se como amante de Tio Aproximado. Ao lutar por seus

direitos de não sofrer mais o jugo sexista da sociedade da qual faz parte, Noci faz parte de uma associação de mulheres que luta contra a violência doméstica.

É por meio do corpo que Noci se expressa. É pelas mãos dela que Mwanito conhece o amor e os carinhos femininos, o que explica o desfecho do romance. Ao término da narrativa, Mwanito percebe o desejo que sente por essa mulher:

O amor vicia mesmo antes de acontecer. Isso aprendi. Como também aprendi que os sonhos se apuram de tanto se repetirem. À medida que os meus delírios nocturnos reclamavam por Noci, mais verdadeira se tornava a sua presença. Até que uma noite pude jurar que era ela, em carne e osso, que entrava, furtiva, no meu quarto. O seu vulto se esgueirou lençóis adentro e, nos restantes instantes, naufraguei na intermitente fronteira dos nossos corpos. Não sei se foi ela, em corpo real, que me visitou. Sei que, após a sua saída, meu pai chorava no leito ao lado. (COUTO, 2009, p. 257-258).

Noci é, portanto, um ser fragmentado que acaba por ser aquela que poderá dar a Mwanito a possibilidade de vislumbrar um futuro, juntos podem fazer significar histórias silenciadas, tanto aquelas provenientes da imposição do processo de colonização, quanto aquelas decorrentes da construção de uma comunidade imaginada pós-guerra, quando se busca esquecer o violento processo de colonização.

As mulheres moçambicanas do século XXI representadas em *Jesusalém* e *A Confissão da Leoa* não rompem totalmente com o passado colonial de objeto submisso aos homens, há como em Hanifa uma assimilação da tradição, sendo que Mariamar, Naftalinda, Marta e Noci ocupam a militância da "descolonização" em relação as mulheres. Essas militantes apesar de tentarem romper com a tradição machista e patriarcal, continuam vivendo situações adversas que as humilham e as desvalorizam. Pelas narrativas, percebe-se que esta "descolonização" é um processo longo no qual a sociedade deve se unir, sobretudo as mulheres.

Há um ditado popular brasileiro que diz "quem apanha, não se esquece". Assim, só uma mulher que já sofreu poderá através de sua memória construir ou reconstruir um outro mundo. Caso não consiga de uma hora para outra construir um outro mundo, como diz Sophia Breyner Andresen na epígrafe, mesmo sozinha, em uma atmosfera melancólica, a mulher deve pelo menos tentar com a loucura construir "uma grande casa branca" (apud COUTO, 2009, p. 209).

LEMBRAR OU ESQUECER: EIS A QUESTÃO

*Para Silvestre o passado era uma doença e as lembranças um castigo.
Ele queria morar no esquecimento.
Ele queria viver longe da culpa.
(COUTO, 2009, p.13)*

Pode-se concluir que a escrita de Mia Couto "grita", configurando-se como um eco (des)afiador de silêncios, como o é o narrador Mwanito em *Jesusalém*, e os narradores Mariamar e Archanjo em *A Confissão da Leoa*, na possibilidade de fazer significar histórias silenciadas, tanto aquelas provenientes da imposição do processo de colonização, quanto aquelas decorrentes da construção de uma comunidade imaginada pós-guerra, quando se busca esquecer o violento processo de colonização. Silvestre, por exemplo, desejava esquecer sua "colonização" na vida de Dordalma. Sente-se culpado como revela a epígrafe, pois este processo levou-a a morte.

Em relação a condição desigual a que a mulher de seu local de cultura está subjulgada, Mia Couto lança um olhar de denúncia, como um fato que não dá pra esquecer. O lembrar e esquecer cria um tipo de crise de identidade, cuja paz parece ainda não ter encontrado guarida em Moçambique. Dordalma, Marta, Noci, Mariamar, Tandí, Naftalinda, Hanifa foram mulheres que enfrentaram diversas crises e viveram diferentes experiências dolorosas como relatam os romances *A Confissão da Leoa* e *Jesusalém*. Para não esquecerem, as lembranças foram registradas em papéis ou no próprio corpo dessas mulheres. Cabe, agora, a memória trazer a reflexão social e a mudanças de atitudes.

Trinta e nove anos da independência de Moçambique já se passaram, mas práticas de violência contra mulheres ainda são vistas e aceitas pela comunidade. A violência em suas mais diferentes formas é fortemente representada em *A Confissão da Leoa*. As mulheres são agredidas física e verbalmente, violentadas sexualmente e os homens ficam sem punição.

Segundo o governo de Moçambique, no *Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher* (2008, p.8), os atos de violência física mais comuns são:

psicol[...] as ofensas corporais voluntárias simples (esbofetear, pontapear, morder ou esmurrar), outras ofensas qualificadas (espancamentos que resulte em sangramento) e ameaças à integridade física. A principal forma de violência sexual no país é ser forçado a ter uma relação sexual com qualquer parceiro (estupro, assédio sexual, sucessor do falecido). Por

sua vez, violência psicológica é tida como a que mais ocorre no país, pois que antes de ocorrência de qualquer uma das duas violências anteriormente citadas, ocorre primeiro a violência física.

Em 2007, segundo o mesmo plano feito pelo governo, quase oito mil mulheres foram vítimas de algum tipo de violência doméstica. Mas este dado acaba por não representar a realidade do país, porque, na grande maioria dos casos, as vítimas não apresentam qualquer queixa à justiça. Isso ocorre porque culturalmente lhes é ensinado que esse tipo de prática é normal e deve ser aceita pela mulher, ou seja, existe no imaginário da maioria das pessoas moçambicanas de que o homem pode fazer tudo o que bem quiser com a mulher.

Por isso, mesmo com a independência de Moçambique, a submissão da mulher é defendida por muitos e justificada por uma tradição que sempre a deixou subjugada. Nos dois momentos retratados em *A Confissão da Leoa*, 1992 e 2008, bem como no momento da história de *Jesusalém*, continua a saga da violência contra as mulheres moçambicanas. Pouco mudou ou realmente nada. Mas, para salvá-las dessa tradição, algumas mulheres representadas nos textos de Mia Couto, assumem atitudes de contestação, de revolta que podem aos poucos ser internalizadas na memória dessa sociedade. Como Mariamar que usava a escrita em seu diário como forma de contar e uma maneira de não esquecer, porque sempre se terá o registro, além de ser uma denúncia social.

Uma mudança social coletiva na forma de agir e pensar em relação as mulheres ainda não aconteceu, mas vem sendo construída em Moçambique com esse "ser mulher". Esse ser mulher é:

Fundamental para se olhar o mundo como se fosse uma coisa que ainda está a acontecer. Só me apetece, como se ela me sugerisse como se o mundo não está ainda feito e aquela história, digamos assim, representa essa coisa da consciência a partir do nada e é o que está também em *Jesusalém* e em *A confissão da Leoa*. Uma possibilidade de fazer nascer o mundo, de fazer tudo de novo, e isso implica ser-se mulher. (COUTO, 2013, p. 161).

Aliás, “quando as teias de aranha se juntam elas podem amarrar um leão.” (COUTO, 2012, p.231), então, fica o apelo do texto: que se unam todas as mulheres e vençam os leões que as aprisionam e as matam...

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. *A Confissão da Leoa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COUTO, Mia. *Jesusalém*. Maputo: Ndjira, 2009.

COUTO, Mia. "Mia Couto: o garimpeiro da terra, das gentes, da palavra". Entrevista concedida a Jane Tutikian. In: *Conexão Letras*. Porto Alegre: UFRGS, v. 8, n. 9, 2013. pp. 157 a 162.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa. 2 v. 1977.

ISAACMAM, Barbara; STEFHAN, June. *A mulher moçambicana no processo de libertação*. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1984.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher*. 2008. Disponível em:
<http://www.hsph.harvard.edu/population/domesticviolence/mozambique.violence.08.pdf>.
Acesso em: 18 nov. 2013.

SILVA, Ana Cláudia da. *Mia e Sophia: diálogos em Jesusalém*. In: Cerrados, Brasília: UnB, 30, p. 65-74, 2010.

Artigo recebido em 30-04-2014

Artigo aprovado em 01-07-2014